3 MARÇO 1928

Careta

NUMERO 1028 ANNO XXI

PREÇO DE CARETA NOS ESTADOS 600 RÉIS

ECOS DA CONFERENCIA PAN AMERICANA

O Brasil. — Não sei que gosto você teve de andar debaixo desse «sol» quando era mais commodo e agradavel ficar á «sombra» de uma frondosa arvore das patacas !...

500 Réis

—Este é o meu tio "Caramba"

"O MANO mais velho do papae, informa Stellinha, é a pessôa mais sympathica da familia; franco, amavel e com o coração maior que a sua fazenda de café. De vez em quando vem á cidade descançar dos trabalhos do campo. E' alegre, folião e generoso. Naturalmente elle não se chama "Caramba"; o seu nome é Mathias; mas nós lhe puzemos esse appelido porque, sempre que alguma o satisfaz ou surprehende, elle exclama com o seu vozeirão de homem do campo: Caramba!"

O TIO CARAMBA vende saude. Entretanto, ás vezes, acontece, nas suas vindas á cidade, exceder-se no fumo e no alcool, passar noites em claro a divertir-se com amigos e o resultado é, pela manhã, uma dôr de cabeça e um mal estar de todos os diabos.

O tio não se impressiona; é que elle já conhece o remedio infallivel para o mal; dois comprimidos de

CAFIASPIRINA

e em cinco minutos . . . Caramba! eil-o alegre e lepido como um passarinho!

Por isso, sempre que vem á cidade, traz comsigo um tubo do excellente remedio e em casa tem sempre uns dois ou tres mais, para attender ao pessoal da fazenda. No meu "rancho," costuma elle dizer, primeiro o pão e depois a Cafiaspirina.

E' que o tio Caramba sabe muito bem que nada de melhor existe contra as dôres de cabeça, de dentes e de ouvido; nevralgias e rheumatismos. Este remedio allivia rapidamente, restaura as forças e não affecta o coração nem os rins.

A proxima apresentação que a Vossas Senhorias fará a sympathica Stellinha é de um personagem interessantissimo, o Sr. Medeiros, noivo de sua mana, politico, literato, orador, etc. etc. Não deixem de travar relações com elle.

Licenciado pela Directoria Geral de Saude Publica sob o N. 209 em 15-10-1916.

Eis aqui os conselhos que deu um pescador do mar do Norte a seus collegas:

1º — Não turves a agua para pescar porque isso afugenta o peixe. Pescarás melhor em aguas naturalmente turvas.

2º — Nem todos os peixes servem. Alguns ha que melhor se prestam a nos comer de que a serem comidos por nós.

3º — Não procures definir o direito da pesca aqui ou ali. O direito é relativo ao abuso que se faz contra os habitantes do fundo do mar, tanto que o DIREITO do anzól é ser TORTO.

* * * Os adversarios da lei secca nos Estados-Unidos estão empregando aeroplanos para dar de beber a seus clientes. Além de um tanque para gazolina, certas machinas têm outro para bebidas as mais variadas. Os clientes vão se embriagar a 3 a 4 ou 5 mil pés de altura. Dizem elles que estão fora da zona de influencia da lei secca, e fóra dos «ares territoriaes».

* * * O AUTISMO é o exaggero de certos phenomenos physiologicos.

Ha uma idéa AUTISTICA normal que não presta attenção alguma á realidade das coisas.

Hoteis & Pensões

A memoria humana é uma hospedaria em que só os máos hospedes demoram.

ooo

O coração de certas mulheres adopta o regimen das pensões arruinadas: cobra adeantado, e antes do fim da primeira quinzena, começam a tratar mal os hopedes...

ooo

A vida é como um hotel em que os hospedes pagassem com sua propria carne o direito de não morrer á fome. Uns pagam mais caro do que os outros — de accordo com as sympathias de um gerente invisivel. O suicida é o homem que parte sem pagar a conta toda...

ooo

Na vida, como nos hoteis, as mulheres têm uma grande curiosidade pelos homens solteiros que fumam o seu cigarro, num canto, sem mulher e sem amor. Ellas não admittem que alguem deixe de encontrar a felicidade no quarto em que mora...

ooo

O quarto do hotel é o coração da mulher não costumam guardar vestigios dos hospedes que já os occuparam. E' pelos estragos que elles apresentam que se conhece o movimento do quarto e o do coração...

ooo

Quantas veses, no alto de uma porta, o novo hospede encontra uma inscripção deixada pelo que o precedeu! O coração das viuvas é uma velha porta de hotel, cheio de rabiscos e garranchos...

ooo

A saudade é a ponta de cigarro que o amor deixa no coração — hospedaria. Ha corações que parecem cinzeiros — cheios de pontas de cigarros...

ooo

A sensação de encontrar, inesperadamente, um rival no amor é a mesma de alguem que tomou um appartamento reservado e encontra, logo á entrada, o guarda-chuva e a maleta de outro hospede...

ooo

Os grandes hoteis são como as mulheres muito bonitas: tudo nelles é mais caro, mas o gosto da comida é o mesmo, ou, ainda, peor...

ooo

A primeira vez que se entra na intimidade de um coração é ¡como a primeira noite em que se dorme numa cama nova: extranha-se tudo, desde o colxão ao travesseiro...

ooo

Ha certas pessoas que são como os quartos dos hoteis: a primeira vista, e sob a suggestão do gabo dos interessados, todos elles são bons, arejados, illuminados e silenciosos. Depois, vão-se descobrindo os buracos dos ratos nas paredes, a escuridão de seus cantos, o calor que nelles faz á noite e, até, a falta de educação do hospede visinho...

ooo

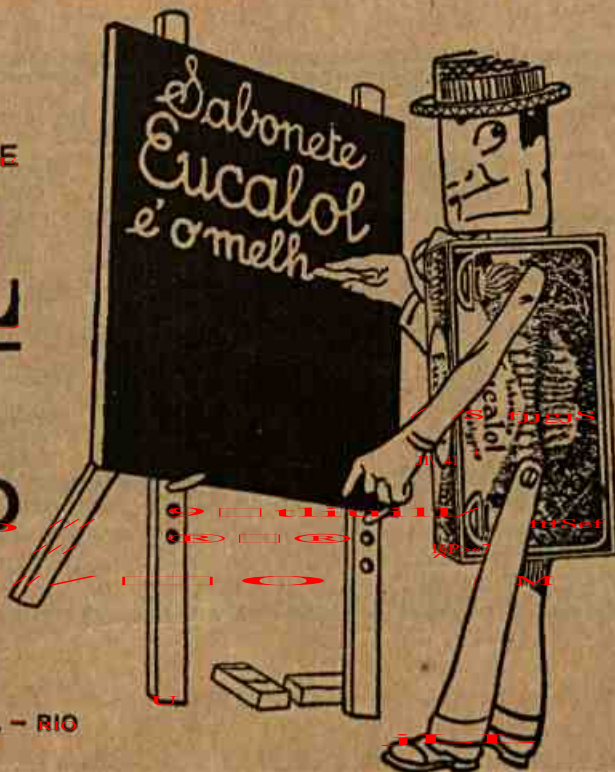
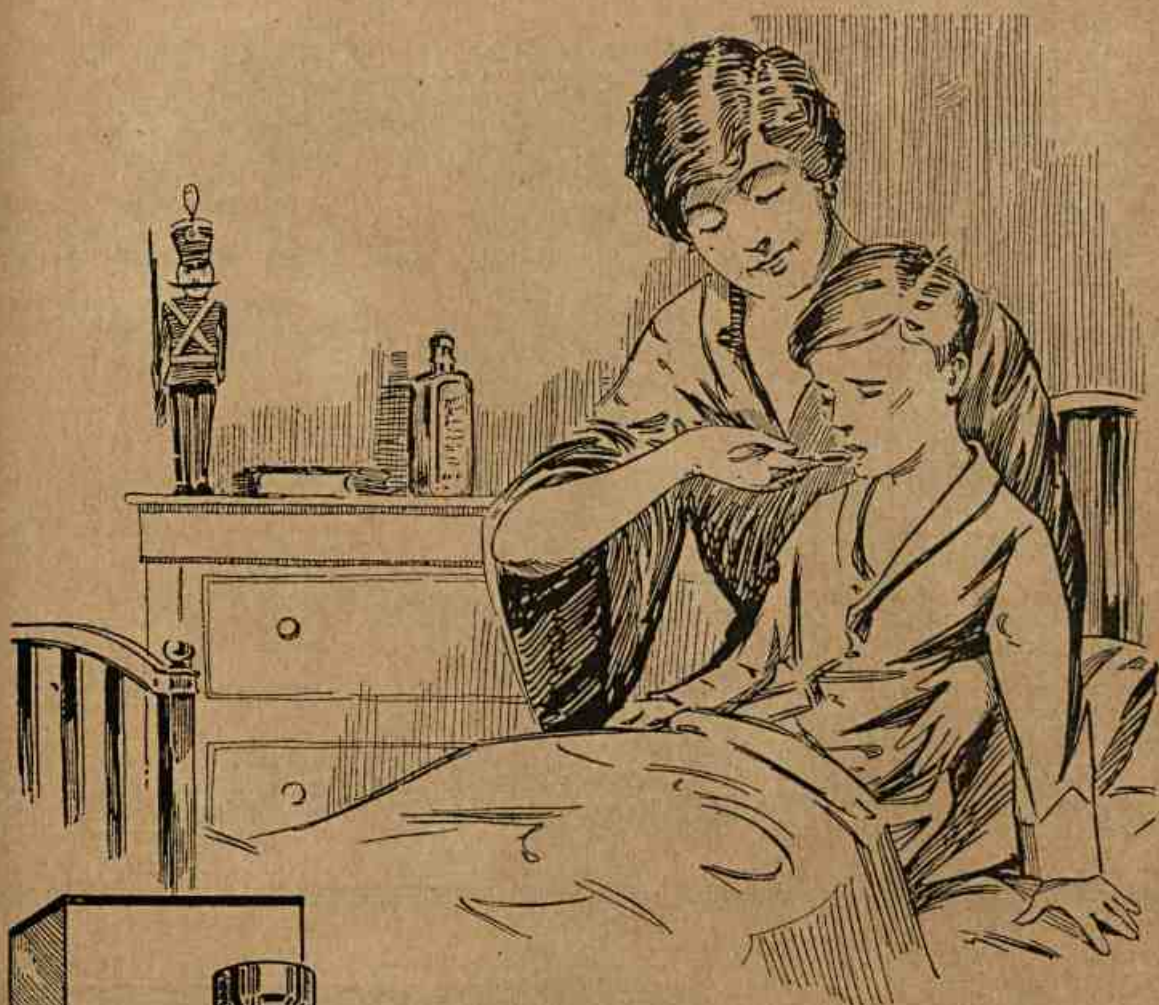
As damas que procuram maridos para as suas filhas casadoiras são comoos gerentes de hotel: muito amaveis emquanto a gente não é hospede, mas depois... não attendem á menor reclamação...

ooo

Não se deve accupar por muito tempo, o mesmo hotel e o mesmo coração: o MENÚ só presta emquanto se é hospede novo...

ooo

Um dono de hotel é como um pai de moças namoradeiras: só apparece na hora de ajustar as contas...

BERILO NEVES

NÃO BASTAM...

algumas colheres quando a creança tosse!

É preciso prevenir taes crises que sempre enfraquecem o organismo.

Durante as mudanças de estações, façam seus filhos tomar alguns vidros de

XAROPE "ROCHE" AO THIOCOL

que lhes fortificará os PULMÕES e os BRONCHIOS, immunizando-os contra as GRIPPES e os RESFRIADOS.

UNICOS CONCESSIONARIOS DE: F. HOFFMANN LA ROCHE & C. - 21, PLACE DES VOSGES - PARIS
HUGO MOLINARI & Co. LTD. - RIO DE JANEIRO - RUA DA ALFANDEGA, 201 - SÃO PAULO - RUA DO CARMO, 8

O ASTROLABIO

O astrolabio maritimo, instrumento tão util aos navegantes, foi empregado por Diogo de Azambuja (1481), por Colombo (1484), por B. Dias (1487-88), por Vasco da Gama (1487-99), por Cabral (1500), etc.

Coelho, occupando-se da primeira viagem de Vasco da Gama e referindo se a esse intrumento diz:

«Andava o astrolabio, desde poucos annos, vulgarizado entre os navegadores portuguezes e fôra inventado ou melhorado pelos medicos e astrologos judeus de D. João II, mestre Rodrigo e mestre Joseph, ajudados por Martin Behaim e foi depois aperfeiçoado por Zacuto, já em tempo de D. Manuel».

Para acceitar a proposição de que o astrolabio maritimo proviera Nuremberg, seria mistér admittir que, em Portugal, se ignorasse tambem a existencia de todos os outros instrumentos: a SAPHA de Zarkali (1080), o astrolabio Ibu Esra (1180), o astrolabio de R. Lulle (1293), o quadrante de Prophatino (1300), de Corsano (1378) e de Ibu Verga (1457).

Do repertorio saudoso:

— Você recorda-se do Josephino nosso condiscipulo no Lyceu?

— Oh! Lembro-me perfeitamente. Aquelle que collava muito, não é?

— Esse mesmo: o grande collante.

— Que fim levou elle?

— Estudou para padre e a sorte foi coherente. Hoje elle é vigario collado.

* * * A experiencia não aproveita a ninguem. Só depois de velho é que se verifica que ella é inutil.

REMAN

O DIA FELIZ

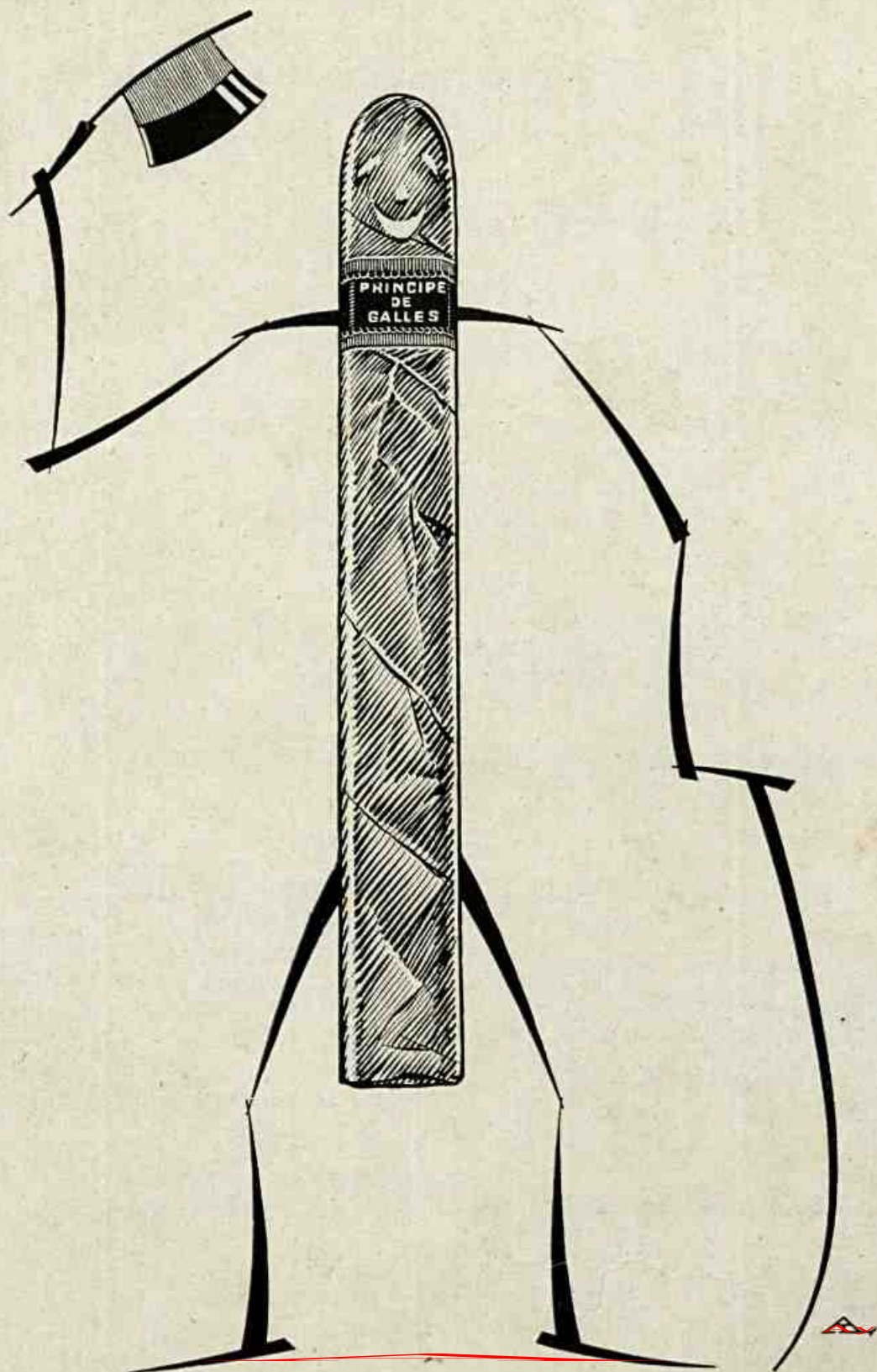
Um philosopho encontra um amigo que se vae casar e o cumprimenta, dizendo-lhe:

— Felicito-te, pelo dia de hoje. E' este o dia de que te recordarás sempre como o mais feliz de tua vida».

— Obrigado! Mas olha que meu casamento não é hoje; é amanhã.

— Justamente; é por isso mesmo!

* * * Em Leningrado, á margem do Neva, ergue-se o celebre e monumental palacio de inverno do tzar Nicolau II o qual fica, por um chocante contraste, justamente em frente á antiga fortaleza de S. Pedro e S. Paulo, edificada á margem opposta do rio e onde eram encerrados os desgraçados que ousavam divergir da omnipotencia imperial.

Este palacio é hoje, na Russia communista, um grande e selecto museu, formado quasi exclusivamente pelos adornos do ultimo tzar, homem apaixonado pelas artes.

COSTA, PENNA & C.IA
SÃO FELIX
(BAHIA)

J. Schmidt. — Director-Proprietario
Roberto Schmidt. — Gerente

REDACÇÃO E OFFICINAS: — RUA FREI CANECA N. 383 — RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURA SOB REGISTRO	NUMERO AVULSO
ANNO. . . . 43$000 | SEMESTRE. . 22$000	CAPITAL. . 500 Rs. | ESTADOS. . 600 Rs.
END. TELEG. KÓSMOS	TELEPHONE VILLA 4994

Este numero contém 44 paginas.

N. 1028 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 3 — MARÇO — 1928 — ANNO XXI

Looping the loop

O ULTIMO DOS CARNAVAES

O Carnaval que, segundo dizem, é uma epoca de folga para todo mundo, não o é para o chronista. Talvez, mesmo, seja o tempo em que mais se apura e se intensifica o trabalho da chronica, exactamente como nos dias de calamidade, de guerra, de grandes crimes, de vastas transformações politicas, de não importa que desgraça capaz de impressionar.

O chronista trabalha sob pressão; precisa olhar, quer ver mesmo aquillo que elle já conhece e sobre o que já tem opinião. A cidade se agita, ha qualquer coisa de anormal e de insólito que surge das grêtas e dos socavões tapados todo anno, onde a plebe carola e legalista se aninha vencida e recalcada. O chronista precisa auscultar o ruido, o movimento, a arythmia desse transbordamento do lôdo que a hygiene canalisa e que a elegancia empóça.

Apenas nem todos veem pelo mesmo angulo de reflexão. Olhar como um espectaculo o carnaval, não é o mesmo que olhal-o como essencia, forma, documentação de qualquer coisa que o provoca e de qualquer coisa que o aproveita. E é tomando-o como effeito e não causa, como symptoma e não enfermidade, demonstração e não theorema, que o chronista póde dialecticamente observal-o e suggerir conclusões.

Aqui perto ha uma cocheira; os animaes trabalham todo anno. No dia do anniversario do dono, as carroças não trafegam; solta-se o gado. Que esplendor! que alegria! Como elles se coçam! como elles orneiam! como elles desembestam e se escouceiam na innocente expansão de forças accumuladas e reprimidas. O dono observa alegre a saúde das récuas.

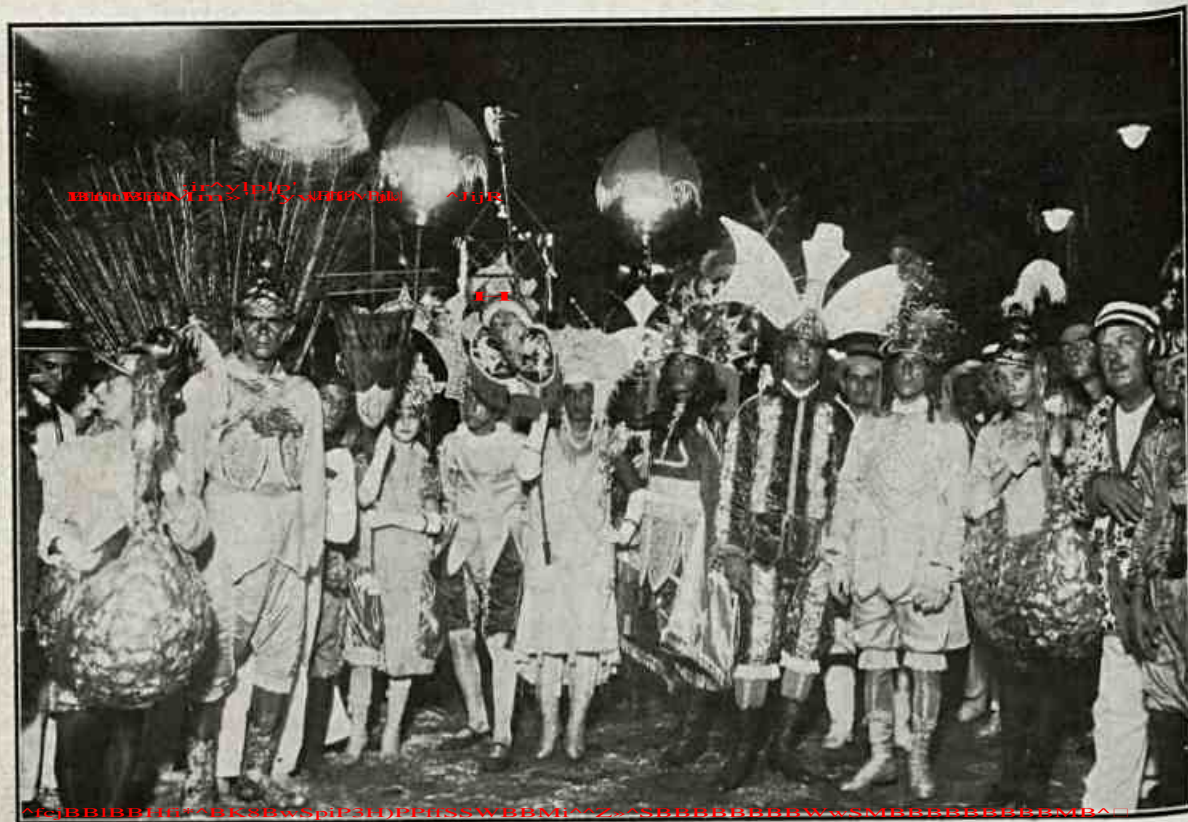
Fraca imagem, minusculo symbolismo.

Na nossa sociedade, reaccionaria, mesquinha, moralistica, moralisada e moral, onde dominam mythos e idolos, dogmas e superstições, a massa popular, meio em que se operam essas deformações sociaes e producto desse mesmo meio, vive, não para este, mas para outro mundo, não para si, mas para os outros. E' o typo occidental da sociedade brahmane que se encontra ainda contemporanea do zebú, dos dervixes e dos mithrados. Nesse pariato tudo se conseguiu extirpar da medulla cerbro-espinal; apenas se guardaram a forma erecta e os instinctos animaes que são uteis á exploração das castas superiores.

Todos os annos é preciso que os brahmanes se certifiquem de que ainda os párias conservam esses vestigios de animalidade, vejam como e si elles estão bastante domados e contentes de sua condição servil. Então soltam-nos pelas ruas por trez dias, numa orgia de senzala aberta, desbragada, calculadamente desenfreada para attingir a um esgotamento que traga o tedio e o aborrecimento do prazer, que os obrigue a duvidar da felicidade.

E' esse espectaculo que se vê no Carnaval, que o chronista vai observar e dar conta nas folhas onde diz ingenuamente que tambem viu de cambulhada com a plébe as gentes finas e educadas que, assim, animam com seu exemplo democratico não só o gráu de cultura artistica a que attingiram como o amor a essa mesma plebe de suarentos e emborrachados que os divertiu e se divertiu.

Não ha nada mais a ver no Carnaval, festa religiosa e prova publica do effeito da applicação do servilismo e do mysticismo á educação das massas. E essa prova é tão bôa que o governo, sentindo necessidade de controlar e de reforçar seu armamento ideologico para defeza de classe, pensa em officializar. E' porque, como carnaval democratico ou eleitoral, é o da carne, o ultimo dos carnavaes.

O DIA DOS RANCHOS DO CARNAVAL PASSADO

I — Alliança Club. II — Arrepiados.

O DIA DOS RANCHOS DO CARNAVAL PASSADO

I — Lyrio do Amor. II — Caprichozos da Estopa.

O DIA DOS RANCHOS DO CARNAVAL PASSADO

Flor da Lyra do Bangú.

Do repertorio da prontidão

— Eu, francamente, não ouso affirmar si o ciume mata ou alimenta o amor.

— Póde fazer uma ou outra cousa segundo as circumstancias.

— Sim; talvez você tenha razão. Tudo póde depender de existir ou não existir fundamento.

— Ainda não estamos bem de accordo, porque pode existir fundamento e o amor não morrer, assim como póde não existir fundamento e o amor morrer.

— Então a sua philosophia do ciume é muito elastica.

— E' que eu tenho um caso pessoal muito doloroso.

— Pois então ouçamol-o.

— Imagine que eu estava quasi noivo de uma menina muito bonita e que não era pobre.

— Estou imaginando, era ciumenta?

— Muito!

— E você dava-lhe motivos?

O sabido que foi no embrulho.

— Para fallar francamente, não dava; mas as creaturas ciumentas são visionarias. Um dia...

— Um dia...

— ... ao mexer no bolso não sei para que, cahiu-me delle uma carta.

— Oh! Com os diabos!

— Ella apanhou-a, antes que eu o pudesse impedir. Tentei arrebatal-a, mas, você comprehende, não era possivel empregar a força bruta. Ella escondeu a carta no seio e, de um arranco soltou-se-me das mãos e fugiu para longe, afim de ler a carta.

— Homem feliz!

— Feliz?!

— Pois então? Disputado por duas.

— Ah! meu velho, si você soubesse que momentos terriveis eu passei, emquanto ella percorria aquella meia duzia de linhas sinistras.

— Sinistras porque homem?

— Sinistrissimas! Naquella maldita carta, a lavadeira lembrava-me de dous róes em atrazo!

Y.

QUEM FEZ A GUERRA?

Depois de uns quantos seculos volvidos,
Grandes historiadores
Eruditos, no estudo encanecidos,
Revelarão os factos occorridos
No quatriennio de horrores.

Volumes aos milhares
Terão de ler os sabios com paciencia
E, volvendo ao Passado os seus olhares,
O que se deu nas terras e nos mares
Dirão com base haurida em alta sciencia.

As gentes curiosas,
Como hoje somos nós, da Idade Antiga,
Perguntarão anciosas:
Para ceifar vidas tão numerosas
Quem foi que urdiu a negregada intriga?

Depois de longo e aprofundado estudo,
Esses sabios dirão com segurança:
O culpado de tudo
Não foi paiz algum, pobre ou graúdo,
A Servia não o foi, nem foi a França.

Após pesquizas sérias e pacientes,
Acha se á luz da Historia esclarecido
O facto da hecatombe de innocentes;
Fel-a, segundo provas concludentes,
Um só soldado, aliás desconhecido.

JOÃO RIALTO

A galante Dylma Schmidt Teixeira em sua linda fantasia que fez um ruidoso successo no carnaval passado.

* ** Ha 75 mil meninas casadas, de cinco annos e menos, e tres mil viuvas tambem da mesma idade, em Bombaim, na India.

TIJUCA TENNIS CLUB

Baile á fantazia no carnaval passado.

AO POBRE NÃO PROMETTAS...

O FUNCCIONARIO. — Escute, Ex.a. Venha cá! Porque é que quando me vê, sobe a serra?

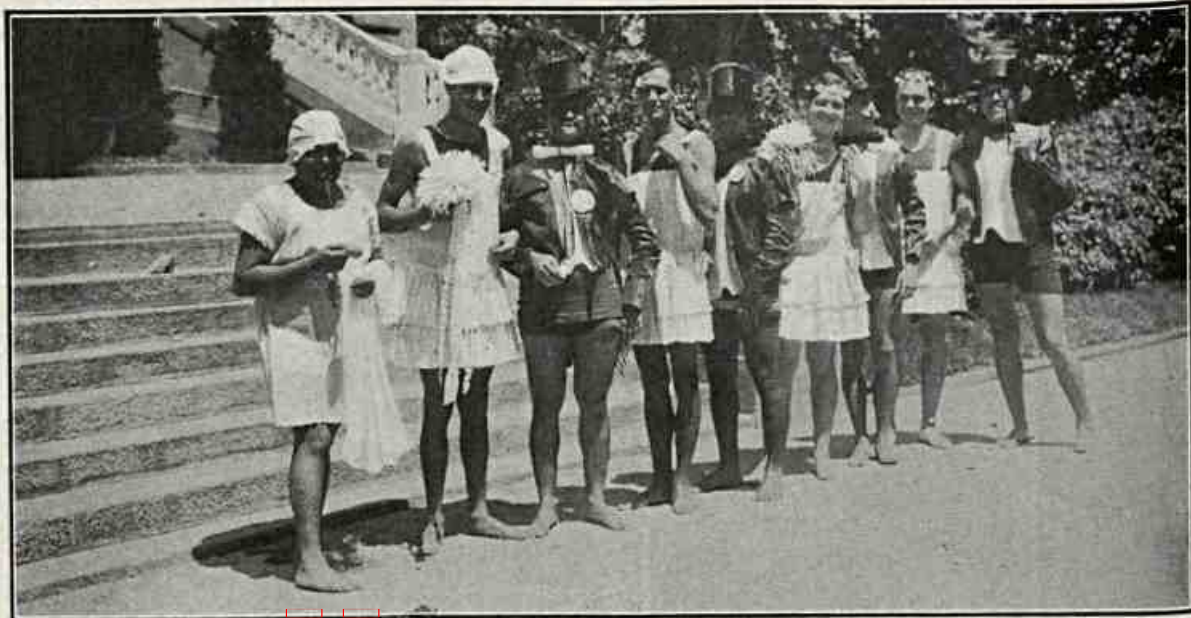
CLUB DE S. CHRISTOVAM

Baile de 2.a feira do carnaval passado.

FLUMINENSE FOOT BALL CLUB

Baile de 2.ª feira do carnaval passado.

— E' um inferno a minha vida. A mulher moça .. eu velho assim... São brigas constantes.
— Não lhe dê attenção. Quando um não-quer, dois não brigam.
— Ah, dr., ahi o dictado erra. Ella briga exactamente quando eu não quero.

PISCINA DO FLUMINENSE F. CLUB

Banho á fantasia no carnaval passado.

BLOCK-NOTES

TUDO NOS UNE, NADA NOS SEPARA...

Eu sinceramente acredito na sympathia dos nossos amigos do Prata. Essa sympathia é tão seria e tão solida, que o ibero-americanismo profissional ainda não conseguio destruil-a. Eis a melhor prova. Realmente, eu não conheço coisa mais perigosa para a cordialidade continental do que a obstinação cacête com que certas mediocridades dynamicas, fantasiadas de escriptores, fazem entre nós a propaganda ibero-americana. Se esses sujeitos ainda não deram cabo da amisade que nos une á Argentina, é porque essa amisade é indestructivel. Elles têm feito tudo para criar entre nós o odio e a guerra: máus discursos, livros destestaveis, artigos dormitivos, cartas amolantes, importunações de toda ordem E' logico, por conseguinte, que se a Argentina continúa firme a repetir, com Saez Peña, que «tudo nos une e nada nos separa», é porque positivamente não haverá força humana capaz de separar-nos.

PROPAGANDA COMPROMETTEDORA

Ainda agora, achando talvez que já eram poucos os esforços que contra a no-sa cultura e intelligencia faziam no Prata, por meio de cartas importunas, alguns ibero-americanistas do sexo masculino, uma respeitavel senhora, cujo pseudonymo literario possue um cheiro exotico de flôr nipponica, teve esta idéa lamentavel: mandar artigos para «La Nacion». Eu tenho um commovido respeito pela velhice — e estou certo de que a hierarchia mais razoavel que pode existir entre as criaturas — é a da edade. Por isto não costumo aggredir as pessoas idosas, e nunca atirei um doesto irreverente ás cans de ninguem. Mas, acima deste preconceito da idade, eu colloco os deveres de brasileiro — não digo de patriota para não parecer emphatico. E é por isto que hoje venho aqui tratar das letras dessa veneranda senhora que, com os seus artigos lamentaveis, está compromettendo, no Prata, o bom nome do Brasil — a nossa cultura e a nossa intelligencia.

POSSIVEL ENGANO

Com effeito, quem lêr em Buenos Aires os artigos dessa respeitavel matrona, cujo estylo é tão capenga e enervante como a furia epistolomaniaca dos ibero americanistas profissionaes do Brasil, ha de ficar fazendo um mau-juizo da mentalidade brasileira. Quando nada, os argentinos poderão suppor que as escriptoras brasileiras são todas d'aquelle quilate, o que seria um absurdo e uma injustiça, pois é sabido — e muito sabido — que o Brasil ainda possue, para orgulho e alegria de todos nós, uma Gilka Machado, uma Cecilia Meirelles, uma Maria Eugenia Celso, uma Vina Centi, uma Albertina Bertha etc.

LITERATURA DE BALAIO DE COSTURA

Os artigos que essa respeitavel senhora está mandando para «La Nacion» têm collocado em difficuldades serias os brasileiros que residem em Buenos Aires. Toda vez que o jornal porteñho publica as moxinifadas da paleontologica escriptora brasileira, os intellectuaes e jornalistas argentinos aggridem os nossos patricios residentes no Prata com esta interrogação ingenua:

— Quem é essa escriptora brasileira que escreve tão mal?

E elles, entre vexados e tristes, têm que explicar, com a face quente de pudor patriotico, que essa senhora é escriptora de quarta ordem, uma matrona sem funcção domestica transviada na literatura e que não representa absolutamente a mentalidade femina do Brasil.

Se não fosse excepcionalmente cacête, eu recortaria aqui, para allivio de baços opilados, alguns trechos typicos da prosa dessa escriptora brasileira.

Bastará dizer que essa flôr, referindo-se ao Rio da Prata, cujas aguas são absolutamente barrentas e toldadas, chama-o de «manso e opalino»; o Brasil, na sua literaturazinha de balaio de costura, é «um generoso e hospitaleiro mancebo».

DISPARATES QUE NOS OFFENDEM

Todavia, não param ahi os compromettedores dislates dessa respeitavel collaboradora de «La Nacion».

Querendo dar aos argentinos uma impressão panoramica da «mentalidade brasileira», depois de uma serie acabrumbadora de incongruencias sobre o «nortista» e o «sulista», diz do «carioca» estas amabilidades tocantes:

«Mistico e inquieto, activo e indolente, inteligente y de pensamiento lento, el «carioca» es a la vez todo eso, exhalándose de esa mezcla un conjunto de esencias, desconcertante e indeterminado».

«Sin embargo, hay dos cosas que preocupan al habitante de Rio: el amor y el dinero».

«Su mentalidad, desviada de la de sus antepasados, ha perdido mucho de su hilo conductor, y si su inteligencia fuerte y sagaz continúa impulsándolo, no consigue, sin embargo, salvarlo de algunas ridiculeces y... desatinos».

PORQUE SE DETRACTA O BRASIL LÁ FÓRA

Por essas e por outras é que escriptores itinerantes, como succedeu ha pouco com o sr. Jimenez Asúa, extravazando em entrevistas e artigos a irritação que lhes causam os malentendidos da gerencia do hotel, se julgam no direito de dizer de nós lá fóra que somos um povo de «pulso intellectual muito baixo», sem cultura, sem espirito, sem compostura, que não possuimos juristas, nem criminalistas, nem poetas, nem pintores, nem nada que se aproveite.

O phenomeno Asúa, aliás, se explica quando reflectimos sobre a estructura moral e mental dos «ciceronis» que elle teve no Rio...

Eu acho que o Itamaraty devia policiar tambem as nossas relações intellectuaes com o estrangeiro, para evitar-nos os vexames de certas situações ridiculas.

UM EPISODIO TYPICO

Um escriptor argentino, de passagem pelo Rio, contou-me, não ha muito tempo, um episodio curioso.

Estava em Buenos Aires, n'uma missão de ordem mais ou menos burocratica, com passagem custeada pelo nosso governo, um ibero americanista profissional, cuja ambição era mascatear entre os argentinos as suas conferencias sopriferas de caixeiro-viajante da Livraria Hespanhola.

Certa noite, n'uma recepção em casa do popular poeta portenho Juan de Dios Filiberto (da qual, aliás, o ibero-americanista guarda uma viva recordação — «et pour cause»...), um escriptor argentino perguntou ao «camelot» brasileiro:

— Habla Usted castellano ?

E elle respondeu com compenetração e gravidade:

— Un pueco!

UMA IDÉA

Ora, é urgente evitar que essas pessoas teimem em ir a Buenos Aires desmoralizar-nos, cobrindo de ridiculo a nossa cultura e a nossa intelligencia.

E o sr. Mangabeira, cujo tacto diplomatico tem sido tão providencial na direcção dos negocios internacionaes do Brasil, podia muito bem criar no Itamaraty uma secção de contrôle das nossas relações literarias com o estrangeiro.

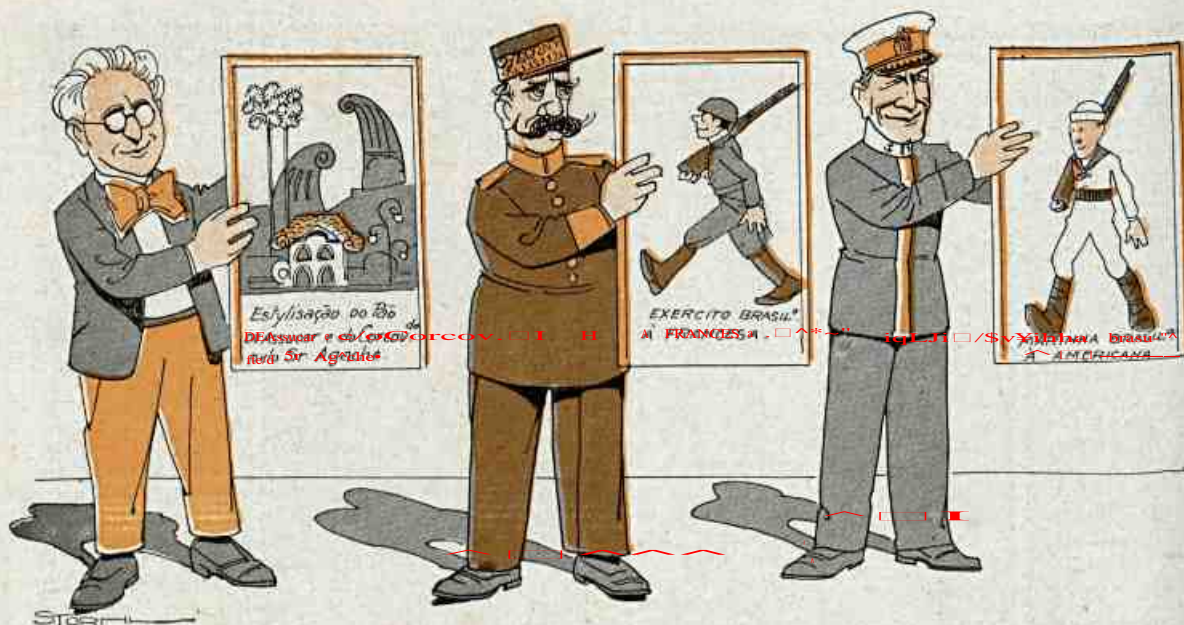
Esse utilissimo serviço — que seria uma especie de secção de prophilaxia intellectual — não permittiria que sahissem do Brasil, em hypothese alguma, nem pessoas, nem livros, nem sequer artigos que pudessem diminuir lá fóra o prestigio da mentalidade brasileira.

Aliás, o sr. Mangabeira deu um bello passo inicial nesse sentido quando impediu que fosse a Montevideo, ha tempos, uma embaixada do Conselho Municipal.

Ahi fica a idéa, que, alem de patriotica, é utilissima — e nós não cobramos nada por isto.

PEREGRINO JUNIOR

Club de Regatas Botafogo. — Baile á fantazia no carnaval passado.

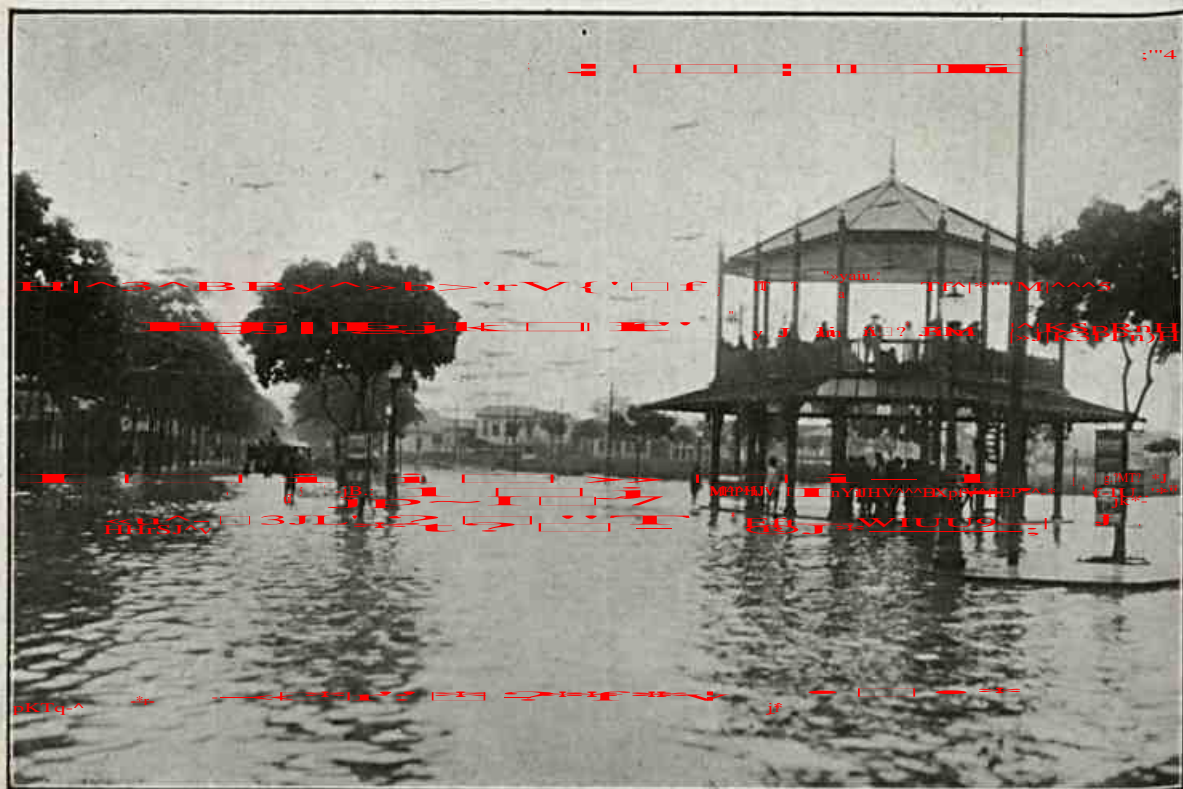
BRASILEIRISMO ESTRANGEIRO...

E enquanto o Sr. Mangabeira dá a nota brasileira com a lingua portugueza na conferencia da Havana, outros comprehendem a nacionalisação do que é nosso, assimilando o estrangeirismo de importação...

THEATRO JOÃO CAETANO

Matinée Infantil de 2.ª feira do carnaval passado.

Galeria dos Artistas da Tela

CORINNE GRIFFITH na quarta feira de Cinzas.

A FORMIDAVEL ENCHENTE DE DOMINGO

I — Rua do Cattete. II — Praça da Bandeira.

A FORMIDAVEL ENCHENTE DE DOMINGO

I — Praia do Flamengo. II — Rua dos Invalidos em frente á Igreja de Sto. Antonio.

UM SORRISO PARA TODAS...

Lloyd George quando por cá andou, ao agradecer no Copacabana-Palace uma homenagem da colonia ingleza, entre outras coisas maliciosas e verdadeiras, declarou que o verão, no Brasil, é uma estação que exclue a oratoria. A temperatura do Rio, neste tempo, disse elle, é d'aquellas em que a gente sente mais necessidade de refrigerantes que de oradores. Entretanto, no Rio, a proposito de tudo, e sem nenhum proposito, apesar de estarmos com 38° á sombra, os oradores pullulam pelas esquinas como infusorios. Em toda parte temos «meetings» e discursos: nos cafés, nas livrarias, nos bondes. E a fauna dos nossos oradores profissionaes é de um pittoresco capaz de desengorgitar o baço mais opilado deste mundo. Henrique Pongetti, magistral fixador de ridiculos, poderia, se quizesse, dar nos algumas caricaturas deliciosas de oradores d'esquina. Pongetti, com aquella diabolica vivacidade espiritual que é o segredo do seu humorismo de historiador quotidiano dos ridiculos brasileiros, podia dar-nos, com o seu estylo caustico de polemista e pamphletario moderno, um perfil tão nitido e scintillante desses oradores de voz eunuchoide, como aquelle que nos deu dessas «mediocridades dynamicas» que andam soltas pela cidade com farda de escriptor e calhamaços de livros no calor nauseabundo das axillas...

Meu caro Pongetti, porque não volve Você os olhos para o espectaculo grotesco desses oradores sem voz e sem publico, que se esguelam com enthusiasmos comiciaes, apesar do calor, em todas as festas e festanças mais ou menos literarias que clandestinamente se realizam na cidade? São casos pathologicos que um bom clinico de psychologias, como Você, meu caro Pongetti, não pode perder, nem deve olvidar!

Que existe uma arte de ler — todos nós sabemos. E ha pessoas bem informadas que affirmam existir tambem uma arte de escrever. Mas haverá, acaso, uma arte de não ler? Creio que todos aquelles que, no Brasil, escrevem, sabem perfeitamente da existencia dessa arte — que é essencialmente uma arte nacional. O Brasil lê pouco — e o que lê não honra a sua cultura e a sua intelligencia. De quem a culpa? Dos escriptores? dos editores? do publico? Ha na explicação do phenomeno um grande jogo de empurra... Em todo caso, a arte de não lêr existe no Brasil.

MOTIVO DE ANACREONTE

Esta noite sonhei tres sonhos esplendidos.

Sonhei que era o espelho em que te reflectes
e a minha alma
ficou illuminada de alegria.

Sonhei que era a túnica de que te vestes,
e a minha alma
ficou vestida de prazer.

Sonhei que era a agua em que te banhas,
e a minha alma
ficou humida de felicidade.

Esta noite, sonhei tres sonhos esplendidos,
e accordei com saudade do teu corpo.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.

O logar mais elegante do Rio, nestes dias implacaveis de calor ardente, é o Posto 4, de Copacabana. O banho-de-mar e o «footing» levam para aquelle pedaço amavel da Avenida Atlantica as criaturas mais lindas do Rio, e na praia ou no mar os nossos olhos se encantam na contemplação de «toilettes» e perfeitos corpos harmoniosos. Entre os cogumelos multicores das sombrinhas e das barracas, move-se uma multidão de gente amavel, espiritual e alegre. Mas ha, alli, sobretudo uma barraca, que se singularizou pela felicidade com que distribue etiquetas para as «toilettes» e as caras que surgem... Sahem d'aquella mysteriosa barraca, todos os dias, epigrammas deliciosos e, ás vezes, epitaphios terriveis. Assim é que a umas moças elegantissimas que vão ao banho-de-mar com «toilettes» negras, cheias de complicações, d'uma originalidade bizarra, a «barraca dos epigrammas» collocou esta etiqueta: «as piratas». A um rapaz magro e calvo, que toma banho no posto 4 todas as manhãs, deram o nome de «Santos Dumont falsificado». Outro, excessivamente pelludo, cujo corpo lembra os estigmas de seus remotos ancestraes anthropoides, é — «Reclame do Pilogenio». Uma senhorita que vae ao banho escandalosamente pintada: «Atelier de pintura». Uma senhora cuja edade é assás respeitavel: «Museu historico». As moças que, em vez de «maillot», uzam calções compridos e casacos sem decotes: «Aymerés». Um rapaz profissional do humorismo: «Chicharrão de beira de praia», etc. etc.

INSTANTANEOS

VI

Ultra-moderna. Segundo a informação indiscreta d'uma chronica mundana, tinha vinte annos em 1923... E pratica todos os sports: equitação, tennis, remo, natação, flirt etc. Alem disto, possue uma philosophia muito pessoal, que é curiosissima.

Na sua loira e linda cabeça que já foi comparada á de uma «Gibson girl», ella cultiva idéas espantosas. E dá conselhos ás amigas. Exemplos: «Não se deve ler romances: só prejudicam»; «O casamento por amor é absurdo; sympathia é sufficiente»; «Quem faz castellos na Hespanha não compra «bungalow» em Copacabana» etc. Como se vê, uma adoravel professora de philosophia...

* * *

O diagnostico da sua molestia é facil: saciedade. Complicada e moderna molestia que o Jacyntho

d'Eça de Queiroz pôz em moda no 202. E é doença de que padecem hoje velhos e moços, homens e mulheres. Para ella só ha uma therapeutica efficiente: uma ducha de amor. Foi o remedio que procurou aquella joven e encantadora senhora, cujo sorriso de enfado e melancolia é uma das seducções do mundo carioca.

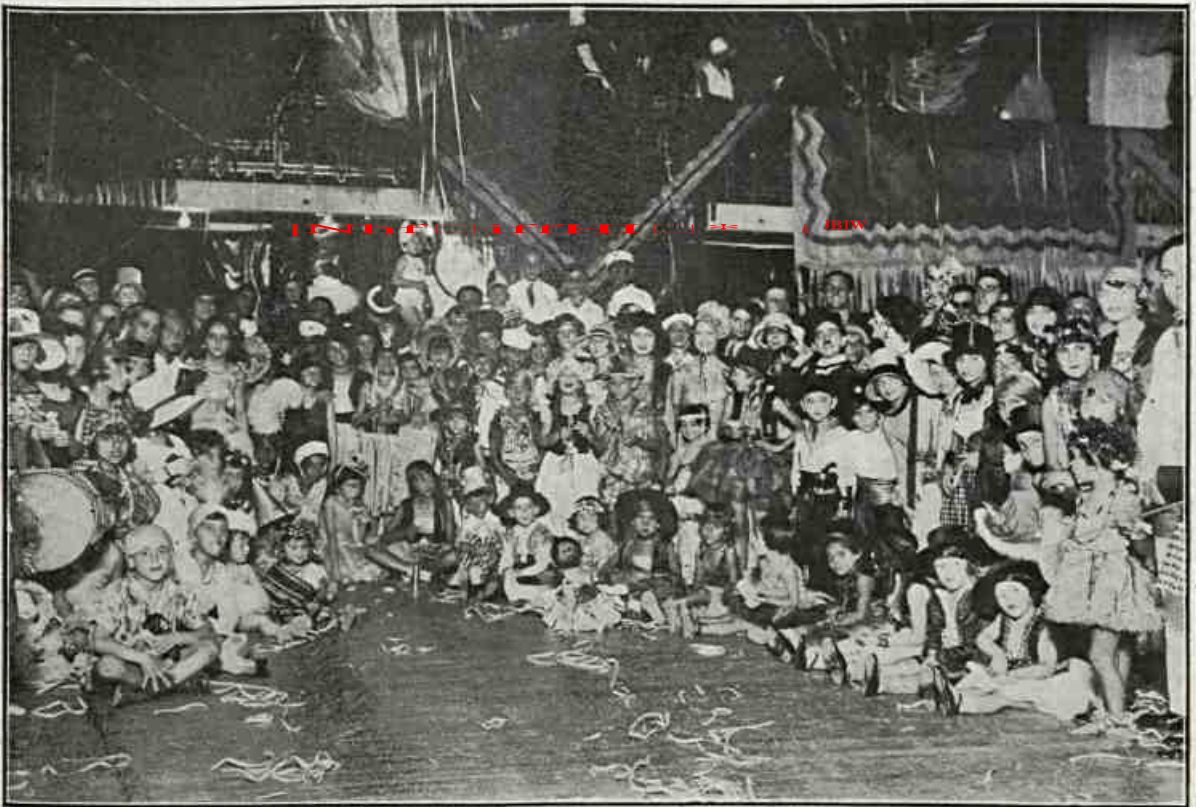
Deus queira que o remedio lhe sirva ! O invejavel remedio...

A porta d'aquelle coraçãozinho frivolo e gentil têm batido já muitos corações, mas nenhum até aqui soube dizer a magica palavra que o ha de abrir.... Hermeticamente fechada, a porta d'aquelle coração é um mysterio que encanta e desconcerta.

Entretanto, sabe-se que ha, nos nossos salões, uma pessoa que pode dizer o — «abre-te, Sesamo»... d'aquelle coração.

Essa pessoa que conhece o segredo da palavra magica, porém, permanece calada, a sorrir, hesitante e descrente, com mêdo da Esphynge...

PEREGRINO

CLUB DE REGATAS FLAMENGO

Matinée Infantil de 2.ª feira do Carnaval passado.

ENTRE ALMOFADINHAS

— Vês aquelle sujeito ali, encostado á hombreira da porta ?

— Vejo ; que é que tem ?

— Ninguem pode fazer idéa do quanto lhe devo.

— Tem sido teu protector ?

— Não. Tem sido e é... meu senhorio.

ooo

— Como se chama aquelle sujeito com quem conversavas tão intimamente ?

— Não sei bem ; nem sei mesmo elle quem é.

— E, como se explica que sejas intimo de um typo desconhecido ?

— Facilmente. Elle tambem não sabe quem sou eu.

* * * Diz o professor dinamarquez Troelst que todos os gramophones e bandas de musicas tocando juntos e ao mesmo tempo não seriam ouvidos a 1.000 metros de longe e a 600 de altura.

HISTORIA

A historia do passado é sempre uma grande lição para o presente e o futuro das nações, mas, para que esta lição aproveite aos povos cumpre renovar-lhe a lembrança, tanto de seus dias de gloria, como dos de sua desventura.

João de Lemos

* * * Os pergaminhos entraram em uso no IV seculo da nossa éra.

A. P. TCHEKOV

UM ACONTECIMENTO

CONTO RUSSO PARA CRIANÇAS

Traduzido do russo por D. R. F.

Manhan. Atravez do rendilhado do gelo que cobria os vidros da janella, penetrava a clara luz do sol no quarto das crianças. Vánia, pirralha de sete annos, de nariz parecido com um botão, e sua irman Nina, fedelha de quatro annos, de cachos, rochochuda, pequena para a sua idade, despertaram e, atravez do gradeado das caminhas, zangadas, olharam uma para a outra:

— Hu! hu! hu! descaradas! — rosnava a ama — As pessoas decentes já tomaram chá, e vocês ainda não esfregaram os olhos.

A luz do Sol alegremente brincava no tapete, na parede, na barra da saia da ama, e como que convidava a brincar com ella, mas as crianças não lhe prestaram attenção: tinham acordado de mau humor. Nina amarrou a cára e começou a altear a voz:

— Chá-á, Chá-a!

Vánia franziu as sobrancelhas e pensou: com quem havia de brigar para poder gritar? Ella já piscava os olhos e abria a bocca, quando da sala de jantar resoou a voz da mãe.

— Não esqueça de dar leite á gata, ella agora tem trez gatinhos!

Vánia e Nina estenderam o rosto e, com perplexidade, olhavam uma para a outra; em seguida, com uma só exclamação saltaram da cama e, lançando ao ar penetrantes gritos, correram de pés no chão e em camisola para a cosinha.

— A gata «nasceu»! bradavam ellas — a gata tem filhinhos!

Na cosinha, em baixo do banco estava um caixote, o mesmo no qual Estevam carregava o koke quando ia accender o fogão. Da caixa surgia a gata. Seu focinho cinzento exprimia uma excessiva fadiga, os seus olhos esverdeados com estreitas pupillas negras olhavam languidamente, sentimentalmente. Era visivel que para plenitude de sua dita não faltava sinão a presença no caixote do pai dos filhinhos, no qual ella confiára sem compromissos. Ella queria miar, abria largamente a bocca, mas da garganta não lhe escapava siquer um rosnido. Escutava-se o miado dos gatinhos.

As crianças ficaram de cócoras em frente ao caixote e nem se mexiam, retendo a respiração, a olhar a gata. Estavam admiradas, surprehendidas, como receiando serem interrompidas pela ama. Nos olhos de ambas brilhava o mais sincero contentamento.

Na educação e na vida das crianças os animaes domesticos desempenham, apenas visivel mas indubitavelmente, um benefico papel. Quem de nós não se lembra do fórte mas bondoso mastim, do bolonhez parasitario, do passaro que morreu no captiveiro, do estulto e pretencioso perú, do benigno gato velho que fugia de nós, quando nós por divertimento pisavamos lhe a cauda causando-lhe martyrisante soffrimento? A mim mesmo, então, parece que a paciencia, a fidelidade, o perdão e a sinceridade que são proprios dos nossos animaes de casa actuam no espirito dos meninos muito mais forte e positivamente que as longas dissertações do secco e pallido Carlos Carlowitch. (PARA OS RUSSOS NOME TYPICO DO PROFESSOR PARTICULAR) ou mesmo das rabugentas divagações da áia que se dá ao trabalho de provar aos pequenos que a agua se compõe de hydrogenio e oxygenio.

— Como são pequeninos! — disse Nina, arregalando os olhos e desatando numa gostosa risada. — Parecem com os ratinhos.

— Um, dois, tres — contava Vánia — Trez gatinhos; um meu, um teu, e ainda um para outra pessôa.

— Rom... romm... rommm... roncava a parturiente, prestando attenção.

Olhando a gata, as meninas tiraram de baixo della os gatinhos e começaram a apertal-os nas mãos, e não contentes com isso metteram-nos nas dobras da camisola e correram para o quarto.

— Mamãe! a gata «nasceu»! — gritavam.

A mãe estava sentada na sala de jantar com um senhor desconhecido. Vendo as crianças, não lavadas, não vestidas, com as barras das camisólas arregaçadas, ficou perplexa e tomou uma expressão severa:

— Abaixem os vestidos! não têm vergonha? — disse ella. — Saiam d'aqui, sinão vocês vão vêr só!

Mas as crianças não ligaram á ameaça materna nem á presença do estranho. Puzeram os gatinhos no tapete e soltaram ensurdecedores berros. Em torno dellas andava a parturiente e, supplicante, miava. Então e por pouco tempo, as crianças foram arrastadas ao quarto, vestidas e tomaram chá. Ellas estavam tomadas de apaixonado desejo de se libertarem o mais depressa possivel dessa prosáica obrigação e de novo correram para a cosinha. As occupações obrigatorias e os brinquedos passaram para o ultimo plano. A apparição dos gatinhos no mundo escurecia tudo e sobresaia como viva novidade nos dias máus. Si a Vánia ou a Nina offerecessem contra cada gatinho 20 kilos de confeitos ou mil moedas de 10 kópecs, ellas haveriam resistido a semelhante troca sem a menor hesitação. Até mesmo o almoço, não obstante os ardentes protestos da ama e da cosinheira, ellas, sentadas na cosinha e perto do caixote, comeram com os gatinhos. O rosto dellas estava sério, concentrado e exprimia preoccupação. Interessava as não só o presente como o futuro dos gatinhos. Ellas decidiram que um delles ficaria em casa com a gata velha, afim de consolar a mãe, o outro iria para a casa de campo e o terceiro iria viver na adega onde havia quantidade de ratos.

— Mas com que é que elles espiarão? — não podia comprehender Nina — Elles têm os olhos cégos como os pobres.

E Vánia inquietava-se com essa questão. Ella tentou abrir um dos olhos do bichano que suffocava e miava, mas a operação não deu resultado. Não menos tambem a incommodava a circumstancia de que os gatinhos obstinadamente se recusavam a acceitar a carne e o leite que lhes eram offerecidos; tudo quanto se punha em frente do focinho delles era a gata cinzenta que devorava.

— Vamos construir casinhas para os bichanos — propoz Vánia. — Elles poderão viver em diversas casas e a gata irá vel-os como visita.

Em quatro cantos da cosinha foram collocadas caixas de papelão. Nellas se metteram os gatos. Mas essa divisão da familia constatou-se ser prematura: a gata, conservando pela geração uma supplice e sentimental attenção, fazia a volta em torno de todas as caixas e carregava os filhos para o lugar anterior.

— A gata é a mãe delles — observou Vánia — e quem é o pai?

— Sim, quem é o pai? — repetiu Nina.

— Seu pai isso não é possivel.

Ellas longo tempo resolveram quem seria o pai dos gatinhos e a escolha recaiu no cavallo grande, vermelho escuro, de rabo arrancado que caiu no deposito embaixo da escada junto com os destroços de outros brinquedos passados do tempo.

Arrastaram-no do refugo e puzeram-no perto caixote.

— Olha lá! — ameaçaram ellas — Fique aqui vendo, para que elles se portem decentemente.

Tudo isso foi dito e executado de forma seriissima e com expressão de cuidado na physionomia. Fóra da caixa com os gatinhos, Vánia e Nina não queriam saber de nada

neste mundo. A sua alegria não conhecia limites. Mas tinham que viver e os minutos eram difficeis e dolorosos. Antes do jantar, Vânia sentou-se no gabinete do pai e pensativa olhava para a mesa. Perto da lampada, sobre papeis timbrados, rosnava um gatinho. Vânia observava-lhe os movimentos e tocava-lhe no focinho com um lapis ou com um phosphoro. De subito, como que surgido da terra, appareceu perto da mesa o pai.

— Que é isso? — escutou Vânia uma voz zangada.

— Isto, isto é um gatinho, papai.

— Eu vou te mostrar um gatinho! Olha o que tu fizeste, peralta! tu rasgaste todos os meus papeis.

Com prodigiosa admiração de Vânia o pae não partilhou a sua sympathia pelo bichano e, em vez disso, em vez de chegar ao extase, elle pegou Vânia pelas orelhas, e gritou:

— Estevam! mate estas porcarias! Durante o jantar o mesmo escandalo.

Quando comiam o 2º prato, escutaram subitamente gritos. Começaram a procurar as cousas e acharam um gatinho dentro do avental de Nina.

— Nina! Fóra da mesa! — disse o pai irritado. Atirem agora mesmo os gatos no borralho! Não quero essas porcarias em casa.

Terror em Vânia e Nina. A morte no borralho, além da crueldade, ameaçava ainda roubar á gata e ao velho cavallinho os seus filhos, esvasiar o caixote, destruir os planos do futuro, aquelle lindo futuro quando um delles consolaria sua velha mãe o outro viveria na villa e o terceiro caçaria ratos na adéga. As crianças começaram a chorar, supplicando que poupassem os gatinhos. O pai consentiu, mas com a condição de que as crianças não ousassem ir á cosinha e não mexessem com os gatos.

Depois do jantar Vânia e Nina rondaram todos os quartos, angustiadas. A prohibição de ir na cosinha precipitou-as no desalento. Ellas recusaram doces, fizeram manhas e maus modos com a mãe. Quando, de noite, chegou o avô Petrucha, ellas o puxaram para um canto, fizeram queixa do pai que queria atirar os gatinhos no borralho.

— Vovô Petrucha — pediram ellas — diga a mamãe que mande botar os gatinhos no nosso quarto.

— Pois sim! pois sim — disse o avô desembaraçando-se dellas. — De accordo.

Ordinariamente o vovô não vinha só. Com elle vinha o Nero, um cão enorme, prêto, de raça dinamarqueza, de orelhas pendentes e rabo duro como um pau. Era um cão taciturno, sombrio e cheio do sentimento de seus proprios meritos. Não prestava a minima attenção ás crianças e, quando passava por ellas, batia-lhes com a cauda, como nas cadeiras; as crianças o detestavam cordialmente; mas desta vez as considerações praticas tomaram o lugar dos sentimentos.

— Quem sabe, Nina? — disse Vânia, arregalando os olhos — Em vez do cavallo quem sabe si Nero não será o pai? O cavallo está morto e este é vivo.

Toda noite esperaram o tempo em que o pai ia jogar a bisca e imperceptivelmente poderiam levar o Nero para a cosinha. Até que afinal papai sentou-se a jogar, a mãe poz-se a tratar do samovar e perdeu-as de vista.

Chegára o momento feliz.

— Vamos! — sussurrou Vânia á irman.

Mas nesse mesmo instante appareceu Estevam e, a sorrir, annunciou:

— Senhora, o Nero devorou os gatinhos.

Nina e Vânia empallideceram olhando aterrorizadas para Estevam.

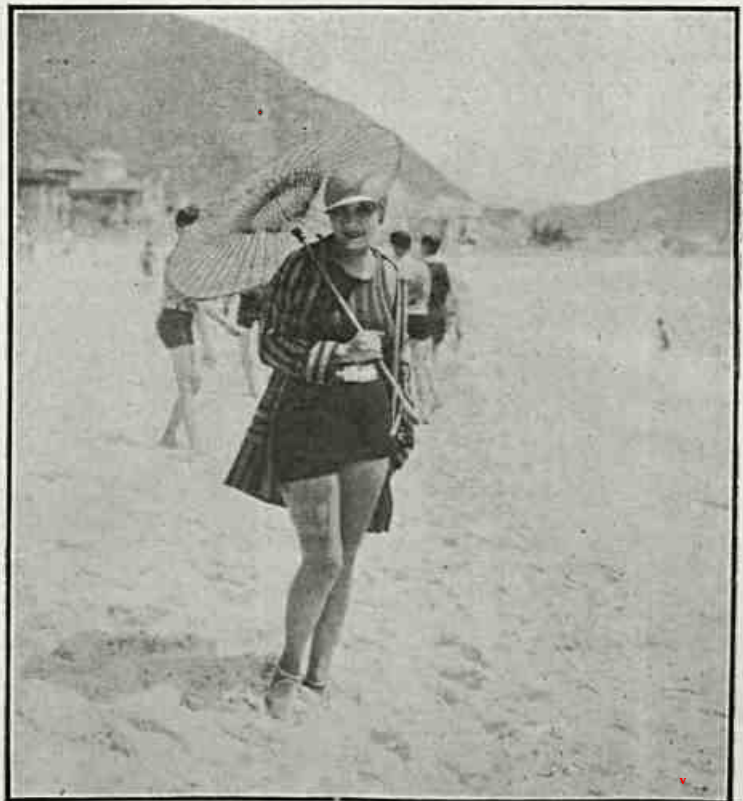
— Ora vejam só! — disse a rir o lacaio — Elle entrou no caixote e devorou...

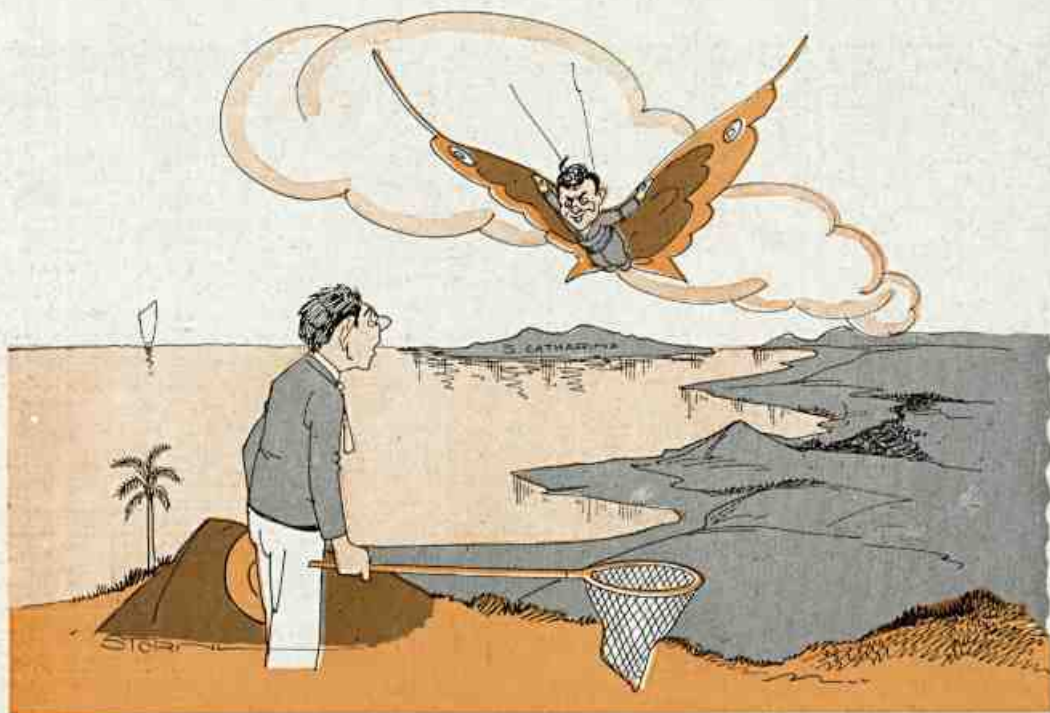
Pareceu ás meninas que todas as pessôas que havia em casa espantavam-se e atiravam-se ao scelerado Nero. Mas ficaram todos quietos em seus lugares e apenas se admiraram do enorme appetite do cão. Papai e mamãe riram-se. Nero entrou para debaixo de uma cadeira, movendo o rabo, lambendo-se, contente comsigo mesmo. Inquieta, apenas, a gata. Arripiando a cauda, entrou no quarto, suspeitosamente a olhar para a gente e miando queixosamente.

— Meninas, já são dez horas. Está na hora de dormir! — disse a mãe.

Vânia e Nina foram metter-se na cama, chorando, longamente a pensar na gata ultrajada e no cruel, no insolente Nero que ficava impune!

A. P. Tchekov. 1887

COPACABANA

Depois do banho.

O CONDOR DA VIAÇÃO

O PRETENDENTE. — Volúvel borboleta! Não ha meio de te apanhar!

XENOPHILIA

Não preciso justificar, mais do que com a minha assignatura, a predilecção que tenho pelas palavras gregas. Esta não é, alias, difficil de interpretar, porque representa o opposto do sentimento que violentamente manifestam os chinezes, nossos antipodas.. Na China, o odio ao estrangeiro é a regra. No Brasil, o amor ao estrangeiro é a praxe. Já um russo me confessou certa vez, encantado, que o Brasil é o paiz excepcional onde o estrangeiro gosa de mais regalias do que o nacional.

A despeito de existirem varias explicações, nenhuma explica satisfatoriamente o motivo desta nossa franqueza.

Ha um pequeno conto de Eça de Queiroz onde o autor pretende demonstrar que o vulto dos acontecimentos decresce na razão directa do quadrado da distancia. Era um serão em familia, na provincia. Liam-se os jornaes. A noticia de um grande naufragio e de um enorme incendio, com muitas victimas, foi acolhida friamente. Nisto chega uma pessôa e conta que D. Fulana, vizinha da familia, torcera fortemente um pé. Houve grande reboliço entre as senhoras e agitação entre os homens presentes.

A these do romancista portuguez não ficaria demonstrada no Brasil. Aqui o vulto dos acontecimentos decresce na razão inversa do quadrado da distancia.

Acabo de ler os commentarios de uma folha acerca do facto de pretender um grupo de senhoras brasileiras angariar donativos para as familias de alguns aviadores estrangeiros desapparecidos, ao passo que a subscripção para os inundados de Arassuahy, cidade mineira não muito distante, tem se arrastado mollemente, recebendo de quando em vez o contingente de uns magros mil réis.

O rotulo de nacional, applicado ao que quer que seja, sapato, opera ou victima de enchente, desvaloriza a cousa ou a pessôa. Toda gente sabe que o café brasileiro é chrismado lá fóra, occultando se a sua verdadeira procedencia. E' licito suppôr que a monobra seja nossa e não daquelles que nos compram o café. A nossa propria natureza já começou a ser debochada sob o espitheto de NATURALEZA. São os outros, os estranhos, que se encarregam de dizer de nós as cousas bôas; e a nossa desconfiança em nós mesmos é tal que, com frequencia, pagamos adiantado o elogio.

O que torna mais grave o phenomeno do nosso auto-amesquinhamento é o facto de ser elle acompanhado de uma xenophilia exaggerada, tão exaggerada como a xenophobia chineza. O nosso atrazo, portanto, corre parelhas com o atrazo chinez, parecendo opposto apenas pela circumstancia da differença de longitude.

Não pretendo accrescentar mais uma ás explicações que já se tem procurado dar ao phenomeno. Parece-me, comtudo, que contribue para elle o facto de ser a nossa vida civilisada apenas um tenue debrum ao longo do littoral. Vivemos olhando para o oceano e de costas voltadas para o Brasil.

Ha um meio de nos obrigar a olhar mais attentamente para elle, curando-nos talvez da nossa xenophilia morbida. Esse meio já conta alguns adeptos enthusiastas, entre os quaes me inscrevo: a mudança da capital para o planalto central.

I. GREGO

CLUB DE REGATAS BOTAFOGO

Matinée Infantil de 2.ª feira do carnaval passado.

O BANHISTA DE TORRES

JECA. — No banho ?! VOSMINCÊ não PERCISA disso. Tudo mundo sabe que VOSMINCÊ é um sujeito LIMPO!

Uma tragedia futurista

(SCENAS DO SECULO XXI)

POR BERILO NEVES

ACTO I

(A scena representa uma sala de jantar do anno 2.005. O sr. Juvenal de Froylães, cavalheiro illustre pelo nascimento e pelos haveres, almoça, rapidamente, com a sua linda esposa, Margarida de Froylães, dona de uns grandes olhos verdes e de 100.000 cruzeiros, herdados de seu saudosissimo pai, o industrial Simões de Affonseca, que enriquecera vendendo leite synthetico, ultima palavra da chimica alimentar. A sala é toda de vidro fosco, como se usa neste asseiadissimo seculo XXI. Não ha quadros nem ESTAGÈRES, nem BIBELOTS inuteis, que só serviam para juntar poeira. O MENÚ é simples, deliciosamente synthetico: comprimidos de vitaminas, extractos seccos de fructas, e uma pastilha de menthol para anesthesiar e desinfectar o véo palatino. A sra. Froylães usa uma especie de tunica á moda grega, e, tem, nos pés, amplas sandalias de borracha esterilisada. Para evitar perigosas quedas de fios de cabelo, usa, na cabeça, um capacete de metal, simples, sem nenhum laço de fita como era moda outrora. A indumentaria do seu marido é, igualmente, simples e discreta. Nada de gravata, colarinho e botinas — que só serviam para prender a circulação sanguinea, e complicar a singelissima arte de não andar nu. Os retratos dos cavalheiros de FRACK e cartola, que nos ficaram nos museus, como remanescentes da idade que se foi, servem, hoje, para fazer rir as creanças.

— Sabes, querida (perguntou o sr. Froylães, ingerindo a pastilha de menthol complementar), que preciso ir passar o resto da tarde no Japão? Ha grandes possibilidades de montarmos, alli, uma fabrica do nosso leite Affonseca, á prova de gastro enterite e dores de barriga. Pelo comboio aereo de domingo mandei para Tokio umas amostras do tradicional producto de nossa familia, e acabo de saber, pelo telephone sem fios, o successo da empreitada. Vamos ganhar, um milhão de YENS.

Ella sorriu, na espectativa da riqueza augmentada. E disse, acercando-se do esposo e aconchegando-lhe a cabeça entre os braços roliços:

— Então querido, se é para nosso interesse, vai, mesmo, mas não te demores muito pois bem sabes que não posso viver sem ti. E é tão triste viver sosinha neste immenso palacio de vidro.

Juvenal Froylães sentiu se tocado daquelle carinho, e da saudade que repontava, cedo, no coração da esposa. Tirou do bolso um quadrilatero de gase esterilisada, e applicando-a á fece da esposa (como o recommenda hygiene do beijo, neste seculo) pousou de leve, os labios, num osculo amoroso e limpo.

E, depois de dobrar e guardar, meticulosamente, o para-beijos, disse á sua mulher emquanto vestia uma sobre-tunica de viagem, á prova de chuva e de frio:

— Estarei de volta no comboio aereo das 8 da manhã. Adeus, querida!

Margarida assomou á janella, para ver o esposo tomar o TAXI aereo que o levaria á Estação Central dos Caminhos do Ar. E enviou-lhe, com dois dedos, um beijo de saudade e de amor.

ACTO II

(A scena é o gabinete de estudos de Juvenal Froylães. Grandes estantes de vidros guardam pequeninos volumes, que lembram os antigos missaes. Os livros, neste seculo, são pequenos como as salas de jantar, e as idéas tambem se condensaram, como os alimentos. A sra. Froylães está recostada, deliciosamente, num divan revestido de oleado branco, e a cuja extremidade se assenta um rapaz imberbe e bonito. E' noite, e um grande fóco electrico banha o gabinete com a sua luz indiscreta.

— Acho que já deves partir querido Alfredo. E' perigoso abusar da felicidade...

— Qual, minha filha! Não é possivel que o Juvenal se lembre de voltar do Japão a estas horas! O ultimo nocturno aereo já chegou, e elle aqui estaria se tivesse sido passageiro daquelle carro. E, afinal, a nossa felicidade não vale, bem, um risco desta ordem?

Ella sorriu, delicada, e o moço lhe tomou das mãos, que beijou, longamente.

— Não imaginas como detesto cada vez mais o bruto desse meu marido. Só pensa em negocios e em doenças, e não me beija sem a tal gase esterilisada que a Saude Publiblica exige. Ora, vê que loucura! Que fiscal da Saude Publica pode intervir nessas coisas intimas do amor! O beijo, como a verdade, deve ser nu, não te parece?

Elle riu muito, da comparação, e, tomando-lhe, bruscamente a cabeça inclinou-a para traz, beijou-a fortemente nos labios. De cima do BUREAU-MINISTRE, todo de aluminio, com uma grande lamina de vidro recobrindo-o, um busto de Pasteur olhava, severamente, a scena atroz, de amor e porcaria.

(O rapaz interrompe a beijoqueira para espirrar.)

ACTO III

(Temos a mesma sala de jantar do primeiro acto. A sra. Froylães, sentada á cabeceira da mesa, chora, nervosamente, emquanto o marido de aspecto carrancudo, trabalha no microscopio, procurando adquirir uma certeza cuja só idéa o tortura, horrivelmente. De repente, solta uma exclamação de odio, e correndo para junto da mulher, arrasta-a, brutalmente, até o microscopio, obrigando-a a olhar atravez da lente.

— Não te disse, infame, que haveria de descobrir a prova de teu crime? Ahi está!

A sciencia não falha, o microscopio não mente! Dantes a mulher mais estupida era capaz de enganar um sabio, mas hoje, felizmente, só os ignorantes e os cynicos se deixam ludibriar. Ahi está a verdade inteira, na laminula: o microbio da grippe, que o teu infamissimo cumplice deixou na tua face, quando te beijou com a sua bocca impura.

— Perdão, Juvenal, pelo amor de Deus, attende-me! Pode ter sido uma das creanças do visinho que aqui estiveram hontem e que estavam tossindo, coitadinhas! Duvidas de minha dignidade, e acaso julgas que não conheço meus deveres?

— Basta de hypocrisia. mulher maldita! Estes germens da grippe estão associados a outros que não

residem em creanças. Eu logo senti, ao chegar, que havia um perfume estranho nesta casa, um perfume de sandalo que sempre detestei. E, alem disso, o REGISTRADOR AUTOMATICO DE VISITANTES mostra que alguem entrou nesta casa, hontem, ás nove horas da noite e só saiu esta madrugada ás quatro horas. Pelas grossuras dos traços impressos, vê-se que é um homem de elevada estatura, e deve pesar 64 kilos e meio. E este cabelo louro, que encontrei no divan! Tambem é das creanças? Manoel! Prepara a MACHINA DE INCINERAR CADAVERES!

(A dama cahiu desmaiada sobre a cadeira. Froylães, com a physionomia desfigurada pelo odio, tomou de uma seringa e injectou-lhe dez centigrammas de estrychnina. Dentro em pouco, a senhora Froylães era cadaver. Conduzida para o interior do autoclave, foi reduzida a cinzas. O carrasco conjugal poz as cinzas num almofariz, misturou-lhe bicarbonato de sodio, e deitou algumas gottas de esssencia de hortelã, para perfumar.)

ACTO IV

(Froylães accordou, tranquillo e risonho. Tocou a campainha com força. Veiu o creado.)

— Manoel, põe minha escova de dentes e o pó dentifricio na sala de banhos.

— Quer o dentifricio de sua sogra, meu amo?

— Não! Prefiro o de minha mulher. Aquelle pó infiel ha de alvejar me os dentes.

(Cae o panno, lentamente e com magua)

Berilo Neves

PARTIDO DEMOCRATA

Commemoração da data de 24 de Fevereiro.

TROVAS

Fica te bem, oh Brasil,
Esse nobre sentimento:
E's neste mundo aguerrido
O campeão do arbitramento!

* * * No linguajar do tabaréo pernambucano «Bagana» é ponta de cigarro, «Fuá» é barulho, rôlo, «Vitalina» é solteirona, «Inticar» é implicar, aborrecer.

ooo

Um homem simples, hoje, é tudo quanto ha de mais complicado. Pelo menos ninguem consegue entendel-o.

Em. Zola

ENTRE CREANÇAS

— Quando lá em casa o meu pae fala todo mundo fica de bocca fechada.

— Pois o meu pae quando trabalha deixa todo mundo de bocca aberta.

— Isso é prosa tua.

— Prosa nada! Meu pae é dentista.

NO PAIZ DOS DOUTORES

O PESSIMISTA. — O homem no Brasil, meu caro, vem regredindo na escala zoologica... Vae passando da classe dos vertebrados para a classe dos «annelados»...

ATLANTICO CLUB DE COPACABANA

Baile japonez.

Pulgas & Persevejos

Dá-se o nome de familia a um aglomerado zoologico cuja estabilidade está na razão inversa do tamanho e na razão directa dos interesses economicos. Diz se que alguem é de boa familia quando a sua arvore genealogica esgalham alguns ramos carregados de fructos de oiro...

□□□

O pai de familia é o burro da casa. Supporta todo o peso da carga e quando, por excessivo cansaço, empaca um momento, todo mundo se revolta.

□□□

As meninas são as aves da gaiola da casa: só trazem trabalhos, e é preciso muito cuidado para que os gatos da visinhança não n'as comam...

□□□

A mãe velha, trabalhadora incansavel, sempre suada mal amanhada é a vaquinha do curral, paciente e inoffensiva. Todo mundo se alimenta de seu leite, e ninguem a ouve queixar-se senão quando não tem mais leite para dar...

□□□

As sogras, sempre abespinhadas e irritadiças, são os ouriços caixeiros do mappa zoologico domestico: só têm espinhos.

□□□

As creanças são os cachorinhos da familia. Sujam toda a casa e ainda espantam as visitas com as suas inconveniencias inesperadas.

□□□

Um homem solteiro é livre e bravio como um potro. Quando se casa, adquire a obediencia covarde dos cavalos de sela, e acaba, um dia, lerdo e paciente como os burros...

□□□

As moças elegantes e bonitas são como as zebras, que gostam de exhibir as côres variegadas de seu pelo. Vaidosas, não admittem que ninguem lhes ponha a sela, mas acabam, um dia, por compreender que o melhor destino de um animal ainda é o atrelar-se a uma viatura...

□□□

Os meninos de 3 a 10 annos são os ratos do patrimonio demestico e o flagello do guarda-comidas.

□□□

E as velhinhas tontas que andam pelos cantos da casa, caducando? São as galinhas velhas que só servem para perseguir as baratas.

□□□

Ha certos parentes que são como as pulgas: quando se installam numa casa nem um incendio os põe fóra.

□□□

As familias humanas são como as dos gatos: toleram todas as loucuras dos gatos da casa, mas não admittem a mais innocente brincadeira de um gatinho da visinhança.

□□□

Até os 12 annos as meninas são inoffensivas como as ovelhas. Dos 13 aos 20, são inquietas como as cabras. Aos 25, se não casaram, dão para implicar com todo mundo como gatos de mao genio. Aos 50 vivem a gemer a queixar se como os bois velhos que não podem mais sair do curral...

□□□

Os persevejos são os parentes inuteis da familia: sugam, á noite, o sangue dos que trabalham, e espalham-se pela casa toda.

□□□

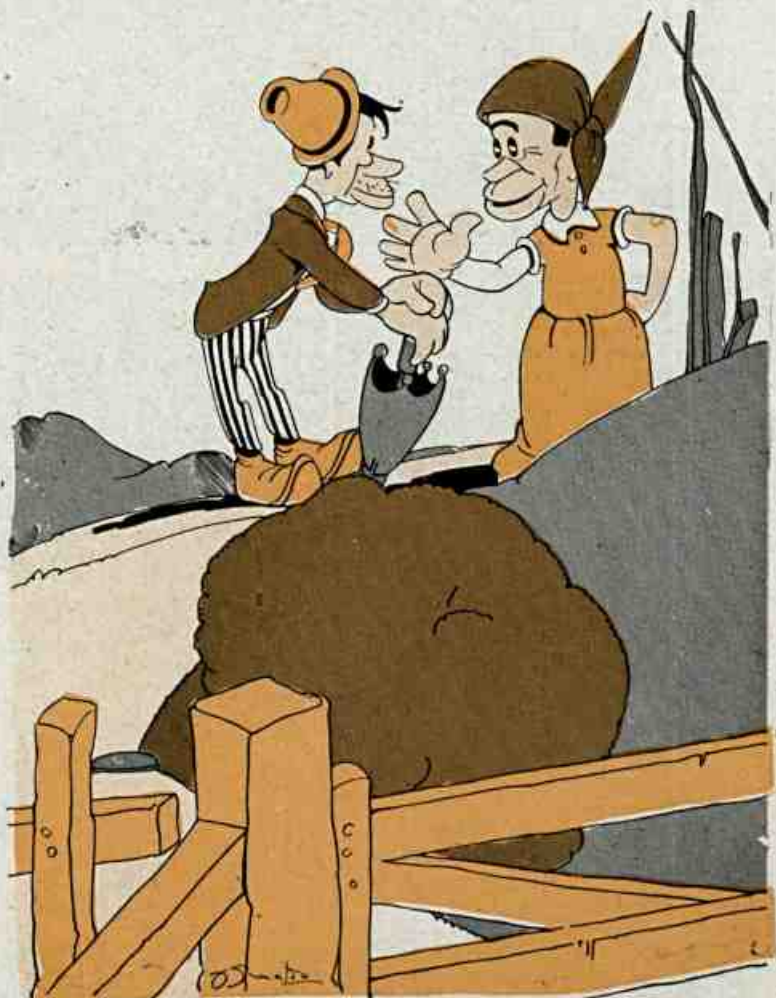
O gato é o mais intelligente de todos os animaes. Suas attitudes são discretas e displicentes. Elle mesmo se lava, e não espera como o cão, que a creada da casa o venha metter numa banheira, todo cheio de espuma de sabão. Não tem amigos intimos, não faz festas ás mulheres e arranha a quem se quizer metter na sua vida. Prefere ficar nas almofadas macias da sala a andar esbrugando ossos na cosinha, ou a metter se nas intrigas dos homens, das mulheres e dos cachorros...

□□□

Não ha nada mais solemne do que o canto do galo pela madrugada. Elle accorda com o dia para trabalhar. Emquanto isso, as gallinhas dormem e, á tarde, andam cacarejando pelos cantos, catando grão de areia e provocando brigas com os gatinhos, no terreiro...

□□□

O carrapato é a encarnação da idéa fixa: só abandona a sua victima depois que ella morre

[illegible]

— A vida em Victoria é muito cara?

— Algumas cousas são. Os sellos do Correio custam o mesmo que aqui.

CLUB NAVAL

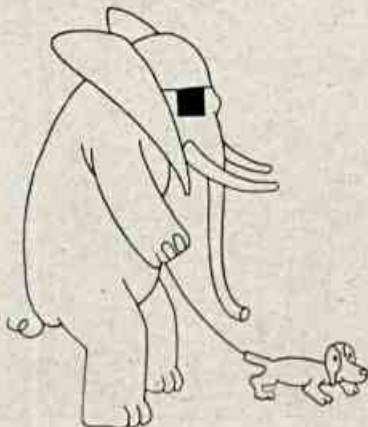
Matinée Infantil de 2.ª feira do carnaval passado.

VERDADES & MENTIRAS

A cinza dos cadaveres é um excellente adubo chimico. Quando se fecundar a terra com esses adubos é que poderemos, ter, realmente, mulheres-rosas e homens-jasmins. As sogras serão excellentes para gerar abacaxis, piquis e outros fructos espinhentos. E as senhoras gordas, não darão, acaso, optimas melancias ?

A felicidade é como o vidro de augmento para os myopes : uma simples illusão optica. Tirado o vidro, fica-se mais myope do que nunca.

Porque será que os nossos melhores amigos são os que se encarregam de espalhar, mais depressa, a noticia de que quebrámos uma perna ou de que perdemos todos os nossos haveres no jogo?

O mundo perdôa-nos todos os desastres, menos um : o de termos ficado pobres.

O pobre céguinho.

A saudade nasce do amor como a cinza nasce do cigarro : depois que pega fogo...

Os braços das cadeiras são os unicos braços fieis com que podemos contar, na vida : pelo menos, emquanto não se lhes gasta a cola.

Os escandalos e os tumores rebentam quando menos se espera. E quando não rebentam por si mesmos, rasgam-se a ferro...

Cada amor novo é como uma nova roupa que se recebeu do alfaiate : dá-nos, sempre, a impressão de que nos fica maravilhosamente bem e que nunca tivemos outra

tão bem feita... Que destino o das roupas velhas!..

¤¤¤

As pessoas sem caracter são como os carateres graphicos da imprensa: tanto compõem um soneto mystico como um artigo de descompostura... E continuam a ser, sempre, os mesmos typos...

¤¤¤

A viuvez é a resurreição de um desgraçado obtida ás custas da morte do outro...

¤¤¤

O excesso de amabilidade incommóda tanto como a grosseria. Exemplo de excesso de amabilidade: um amigo que nos visita porque soube que nos casámos...

¤¤¤

As grandes intelligencias são como as chammas muito altas: illuminam

O macaco prodigo.

tudo, mas estão, sempre, ameaçando incendiar a casa...

¤¤¤

O nada é alguma cousa que serve para se pôr no logar onde não existe cousa alguma.

BERILO NEVES

AMABILIDADES CONJUGAES

ELLE. — Tive esta noite um pesadello. Sonhei que ia com uma grinalda acompanhando o teu enterro.

ELLA. — Isso não me assusta. Descreve o resto. O acompanhamento era grande?

ELLE. — Enorme. Parecia um prestito carnavalesco.

TROVAS

Ha quem se dê, neste Rio,
Com devoção sempre a mesma,
Tanto á pandega de Momo
Quanto aos sermões da quaresma.

O principio da duvida é o principio da sabedoria. Hoje não ha mais sabedoria e sim sciencia, mas as duvidas persistem cada vez mais numerosas e, portanto, cada vez mais fecundas.

ED. QUINET

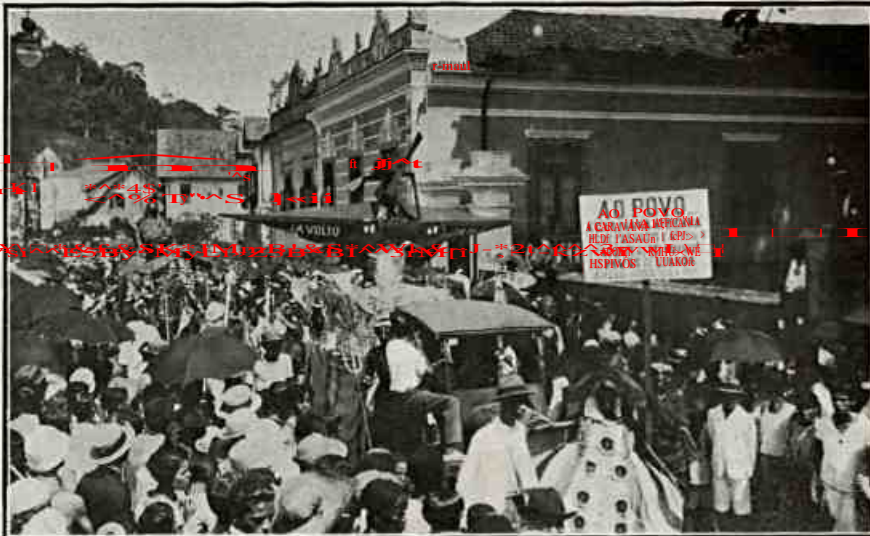
CLUB NAVAL

Baile de 3.ª feira do carnaval passado.

Avenida das Nações

Corso do carnaval passado.

Corso do carnaval passado.

PRAIA DAS FLEXAS

Banho á fantazia durante o ultimo carnaval.

PRAIA DAS FLEXAS. — Banho á fantazia no ultimo carnaval.

A ENGENHARIA MARITIMA

O transatlantico Cunard será construido ou no rio Tyne ou no rio Clyde e o seu custo será de cerca de lb. 6,000.000.

Todos os ultimos melhoramentos de engenharia maritima serão incorporados nessa embarcação, com a qual a companhia confia em poder reter o record de velocidade do Oceano Atlantico.

O seu comprimento será no minimo de 1 000 pés, a sua tonelagem bruta de 60.000 e as sua acomodações para 5 000 passageiros.

E de interesse comprar essas cifras com as do «Majestic» o maior navio actualmente em serviço sendo o seu comprimento de 915 pés e a sua tonelagem de 50,551.

* * * Foi apresentado á Academia das Sciencias um tratado acerca duma ligação submarina da Espanha com Marrocos, por meio dum tunnel internacional. O estreito apresenta um fundo onde se encontram profundidades de mil metros sobre 13 kilometros e 600 que constitue o caminho mais curto. O traçado onde encontram as mais fracas profundidades — maximo 310 metros — exigirá um desenvolvimento de 53 kilometros. A nota estabelece um desenvolvimento rectilineo da bahia de Vaqueros a oste de Tarifa, na costa de Espanha até Tanger.

A maior profundidade será de 396 metros e o comprimento submarino do tunnel de 32 kilometros a que se deverão acrescentar 16 kilometros de trabalhos de approximação.

* * * Morreu ha pouco em Luwits, Allemanha, um solitario original, o sr. Humiane Delitz. Morava elle num sitio plantado, cultivado e tratado por elle sosinho em uma casa que elle mesmo construiu pedra por pedra, empregando instrumentos por elle proprio fabricados. Roupa, calçado, chapeo, tudo elle fazia para si, cosia o proprio pão do trigo que colhia e bebia o vinho de uva cultivada por suas proprias mãos. A machina de escrever elle proprio fabricou de madeira. Não contente com isso ficou solteiro toda vida, nunca conheceu dinheiro nem a imprensa e, ao morrer, deitou-se no proprio caixam que fabricára.

---

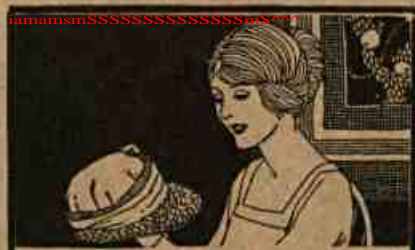
* * * O commercio de peixe em Portugal, paiz essencialmente maritimo, faz-se ainda como em pleno seculo XVIII. Lisbôa, a que os poetas chamam jardim á beira mar, não tem por nenhum de seus vinte ou trinta bairros uma loja onde se venda, ao cair da tarde, uma posta de pescada ou meio cento de camarões — uma dessas lojas claras e bem fornecidas que se encontram, por exemplo, em Madrid, a centenas de quilometros da mar, ou nas vilas remotas da Suissa e da Allemanha do Sul.

---

* * * Os negociantes de varios artigos na Hollanda e mesmo em Vienna resolveram vender muitas mercadorias com preços differentes, conforme forem embrulhados ou não, descontando assim o preço do papel de embrulho e do fio, cujo despeza é pouco insignificante mas que de facto não o é, além de que diminue o trabalhos dos empregados.

MIDY
ALMORRANAS
POMADA MIDY
E' uma garantia certa para o corpo medical
Os arthriticos em particular parecem predestinados a soffrer desse mal triste e insupportavel: as hemorroidas que podem acarretar tantas complicações perigosas.
Os medicos do mundo inteiro, conhecem e aconselham os «SUPPOSITORIOS MIDY» e a «POMADA MIDY» que constituem o medicamento certo e efficaz para as hemorroidas.
Não ha nenhum outro medicamento, que se possa egualar em vantagens e effeitos satisfactorios.
Os productos dos «LABORATORIOS MIDY» gozam de uma celebridade mundial, visto que a sua efficacia nunca foi desmentida

* * * Em Nogasaki, Kioto ou Jeddo e varios outras localidades dos Ilhas Nipponicas devastadas pelos tremores de terra, está sendo experimentada a construcção de paredes nas casas com um argamassa de natureza elastica, obtida com palha moida e submettida a um liquido gomoso de extrema resistencia.

Esse argamassa permitte supportar a maxima impenetralidade á humidade, de modo que enrija e se mantém perfeitamente secca. Mas sua virtude principal consiste em vergar ligeiramente sob influencia dos grandes cyclones e dos terremotos, tornando assim indestructivel a casa construida como elle; e isso veremos nos proximos terremotos.

* * * Campestre, palavra e toponymo, corresponde ao termo gentio «Nhú murino»: é um pequeno descampado natural aberto no matto, ou um campo alto e pequeno cercado de mattos. Quando é obra do homem é «comprido».

Campo grande é o «Nhú Guassú dos nossos indios.

* * * A revista americana PLUMOOU publica um calculo curioso do que se chama a fortuna nacional de cada paiz. Pelas avalições mais recentes da fortuna geral dos paizes civilisados sabe-se que cada homem possue um valor medio de 46 dollares. Mas, em compensação cada um deve 163 dollares. Pergunta o autor do calculo:

— Quem é que paga essae differença? a quem deve ser paga a differença?

E, philosophicamente conclue:

— Não seria melhor acabar com esse absurdo de dever cada um o que não pode pagar?

CAIMBRAS DE ESTOMAGO

Todas as sensações penosas depois das refeições taes como caimbras, crispações, pesadume, etc., na maior parte dos casos são uma indicação certa de excesso de acidez no estomago. Para neutralizar este excesso e regularizar as funcções do apparelho digestivo tome a Magnesia Bisurada que, por quanto destroe a causa do seu mal, garante uma digestão normal e sã. A Magnesia Bisurada que se acha á venda em todas as pharmacias, em pó, dá um allivio immediato em todos os casos de digestões difficeis e dolorosos.

* * * Estudos muito recentes em varios estabelecimentos de ensino na Allemanha deram plena confirmação ao conceito geral de que não é normal nas crianças a quietude. Sabe-se que o acceleramento de nutrição determina na criança um dispendio de energia motora excessiva em relação ao adulto, si não é que esse proprio dispendio, por contra-choque, estimula a contracção e o desenvolvimento do esqueleto e dos orgãos. A mobilicidade da attenção, a rapidez da percepção da memoria, a creação fantasista, a motilidade prompta e brusca são o apanagio da criança sadia.

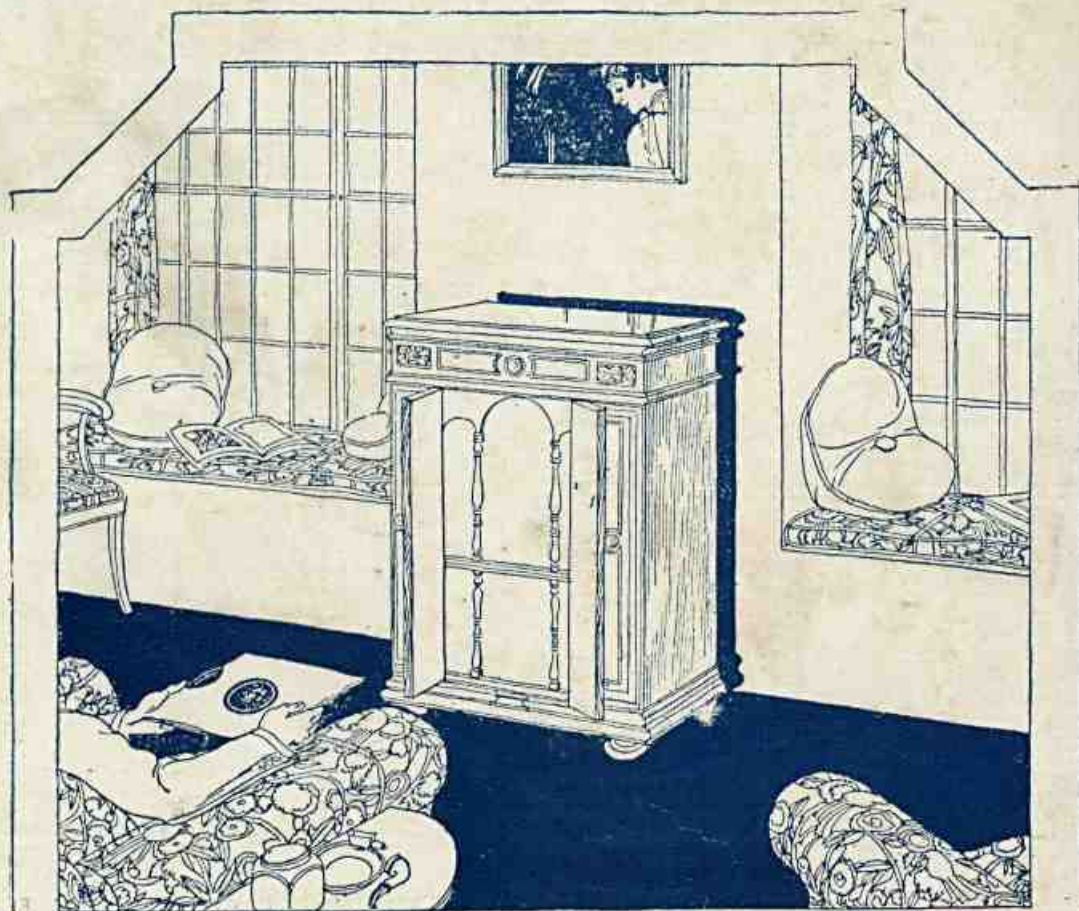
* * * Alguns hoteis em Chicago distribuem aos hospedes em seus quartos, não só agua quente e fria e gaz, como antigamente, mas ainda leite frio e quente, café, sabão liquido, caldo de sôpa e agua oxygenada ou liquido de Dakin, tudo isso por intermedio de encanamentos especiaes.

* * * Um MAGAZIN norte-americano assim descreve humoristicamente, o algodão.

O algodão é a cobertura duma semente que se planta na America. Elle mantém o plantador um estado de fallencia permanente e leva os compradores á casa de loucos.

A fibras do algodão são muito differentes de côr e de peso. Quem pensa poder adivinhar o comprimento destas fibras é chamado «perito» pelo publico, de bobo pelo plantador e de máo negociante pelos credores.

O terrivel phantasma da grippe

será para V. S. menos temivel, si se precaver em tempo contra as doenças infecciosas tomando os legitimos "comprimidos Schering de Urotropina". Os medicos de todo o mundo consideram a Urotropina-Schering como excellente desinfectante interno geral, das vias urinarias, intestinaes e biliares. Ajude o seu organismo no continuo combate aos agentes infecciosos. A Urotropina-Schering é efficaz e absolutamente innocua. Insista sempre no acondicionamento original, vidros de 50 comprimidos de 0,5 gr.

Depois de um dia de trabalho intenso, não ha nada como, no doce aconchego da familia, ouvir uma boa musica, quer esta seja antiga ou moderna. O instrumento que pode proporcionar horas tão agradaveis, trazendo para dentro de seu lar os grandes concertos symphonicos, os mais celebres musicos do mundo, a musica classica immortal, ou si preferir, as ultimas novidades em musica de dansa e canções humoristicas é

A MAIOR MARAVILHA MUSICAL

pois é a unica que reproduz o som fielmente.

A' venda em prestações sem augmento de preço, ou no Christoph Club com dous sorteios semanaes. — Peçam prospectos.

OUVIDOR, 98
RIO

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

SÃO BENTO, 45
S. PAULO